

EDUCAÇÃO

Escolas: os aumentos são ilegais.

O secretário-geral do MEC afirmou que o governo ainda não definiu qual será o reajuste das mensalida-

des escolares no próximo ano e de que forma o índice será calculado. Sotero acredita que o cálculo do índice

poderá ser regulamentado pelo Ministério da Educação, com participação da Seplan e do Ministério da

Fazenda, ou simplesmente sair da esfera do MEC. Neste caso, as mensalidades serão reajustadas de acordo

E os pais reagem às escolas

O **Cruzadinho**, como estão sendo chamadas as alterações no Plano Cruzado anunciadas sexta-feira pelo ministro Dílson Funaro, não mexeu no congelamento das anuidades escolares. Os pais de alunos entrevistados anteontem pelo JT concordam com a medida e consideram "absurdo" o pacto mútuo proposto pelo Siesp-Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo — que resultaria em aumento de 100,6% na primeira semestralidade do ano que vem.

"É o mesmo que desvestir um santo para vestir o outro", na opinião de Maria Cristina Queirós, que tem duas filhas em regime de semi-internato no Colégio Pequenoópolis, na rua Michigan, no Brooklyn. "Eles reclamam que o Plano Cruzado trouxe dificuldades e prejuízos para as escolas, imagine então para a classe assalariada, como eu. Um aumento desses pesaria demais no meu orçamento", previu mostrando seu último holerite de bibliotecária em uma escola: Cz\$ 3.500,00. "Como posso aceitar esse aumento, se eu mesma não vou ser aumentada?"

Maria Cristina contou que ainda não houve nenhuma convocação oficial da escola para tratar desse acordo pais-escola, mas disse que tem certeza, pelas circulares que recebeu, de que "o clima está sendo preparado para isso". Durante

esta semana, os pais receberam uma pequena circular falando das dificuldades que as escolas particulares têm enfrentado com o advento do Plano Cruzado, "e anexado a ela, uma reportagem de uma revista que está defendendo a posição dos donos das escolas".

Reconhecendo que as despesas de uma escola "são muito grandes", Cristina sugeriu, porém que as escolas dividam mais o seu bolo para poder manter bons professores e o nível de ensino". "O problema é que eles não querem abrir mão disso", frisou.

Maria Rita Assefi, dona-de-casa, que tem um filho no Colégio Aclimação e mais duas pequenas no Polidoro Pré-Escola, é outra que não concorda com o aumento proposto e, como os demais, revelou que não assinará nenhum pacto desse tipo.

"Absolutamente, em hipótese alguma, assinarei tal pacto", interferiu outra mãe que, por precaução, preferiu não dar o nome ou ser fotografada. ("Quando todos assumirem a posição, a coisa é diferente", justificou.) Segundo ela, a diretoria do Colégio Anglo já mandou várias circulares falando em "livre negociação", mas ela não se impressionou, "porque, a partir do momento que sejam livres, vão colocar os preços que quiserem. E isso eu não posso admitir".



Maria Cristina:
"Como posso aceitar esse aumento, se eu mesma não serei aumentada?"



Ana Helena:
"Aumento, só se os professores tiverem sua justa remuneração".

Para ela, a campanha de valorização do professor desencadeada pelo Siesp é "pura demagogia", porque "eles nunca se preocuparam com isso. Faz anos que o pro-



Maurício:
"O que eles querem é não diminuir margem de lucro".



Rosita: "A escola (Santo Américo) está cobrando barato pelo que oferece".

fessor é a classe mais mal paga do País e ninguém nunca se preocupou. Será que enquanto os donos de escolas ganhavam muito também pagavam bem seus profes-

res?", perguntou. Lembrando os novos aumentos anunciados pelo governo, a mãe considerou que "o plano acabou com o ganho excessivo que os donos de escolas vinham tendo" e disse que só admitirá um aumento "se ele for um ato do próprio governo".

Também mãe de aluno do Anglo e professora primária da rede estadual de ensino, a senhora que prefere não dizer o nome, não acredita em prejuízos e "de jeito nenhum" assinará o pacto que eleva em 100,6% uma mensalidade que já está em Cz\$ 800,00. "Não recebi ainda nenhum comunicado, mas de antemão já digo que não assinarei, porque não acredito que um colégio como este, com cerca de três mil alunos, de bom nível, tenha prejuízos financeiros." Lembrou, ainda, que o professor neste país nunca foi valorizado e que a maior prova disso "é a minha aposentadoria, ganhando Cz\$ 3.000,00 por mês".

Outra professora, desta vez da conceituada Escola Morumbi (maternal, jardim, pré e 1º grau integrado) analisou assim a situação: "Não sei como estão as mensalidades por aí, nem aqui, porque tenho bolsa para minhas duas filhas. Mas sei que de certa forma as escolas levaram na cabeça, como também os professores, porque haveria reajustes na época do Plano Cruzado".

com números a serem definidos pelo Ministério da Fazenda, através do Conselho Interministerial de Preços.

A orientação dos dirigentes da Fenen de aumentar as mensalidades em 125% foi transmitida a quase todas escolas particulares do País na semana passada. O presidente da Fenen, Roberto Dornas, afirmou que as escolas não suportam mais a crise financeira, por isso foi autorizado o aumento: "Se o governo não concordar, deve pelo menos apresentar outra solução".

Ela reconhece a necessidade de um aumento, mas não soube dizer de quanto seria o percentual.

Maurício Bueno, professor de História e Música, e Ana Helena Andrade, professora de Marketing na PUC, afirmam que também não vão assinar este pacto com os donos das escolas de seus filhos. Para a professora da PUC, somente será possível pagar um aumento na escolinha da filha, a Ursinho Branco-Pré Escola, que fica na avenida Giovanni Gronchi, no Morumbi.

Mais radical, Maurício disse que a seu ver "nenhum empresário perde dinheiro e que o que eles querem é não diminuir a margem de lucro". E criticou o Plano Cruzado: "Uma coisa artificial, uma vez que todos os países do mundo não estão conseguindo conter a inflação e nós aqui estamos querendo mascarar os índices de inflação para não aumentar os salários".

Maria Lúcia Vidigal e Rosita Velletre, mães de filhos que estudam no Colégio Santo Américo, no Morumbi, foram as únicas a afirmar que pagarão o que a escola pedir. Elas já fizeram uma contribuição de dois mil cruzados agora no final do ano, mas revelaram que a escola está cobrando muito barato pelo que ela oferece (Cz\$ 1.200,00 por regime de semi-internato, com almoço e lanche).

Rita de Biagio